

INTENCIONALIDADE E CATEGORIAS ESPACIAIS*

Evanghélos Moutsopoulos

(Atenas)

A noção de intencionalidade data da época do nascimento do tomismo. Foi retomada, sabe-se, por Husserl, numa acepção quase passiva, uma vez que designa a qualidade essencial do receptáculo estático que, ao nível da consciência, contém suas vivências. Se, contudo, abandonamos o ponto de vista de **Wesensschau** para nos aproximarmos do ponto de vista do bergsonismo, constataremos que o filósofo da intuição concebe a intencionalidade de modo dinâmico, enquanto **esboço**, projeto e intenção¹. Uma intenção que se atualiza através de sua própria realização, graças à ação, isto é, a uma energia exteriorizada ao nível de uma realidade objetivada, sendo a própria exteriorização, uma objetivação.

Toda atividade intencional supõe a consciência de uma certa temporalidade, quer no interior de um fluxo que marca uma duração real, como em Bergson, quer numa sucessão de estados que se encadeiam, como no sistema newtoniano clássico. As duas visões de temporalidade supõem um sistema de categorias, mediante o qual a consciência se situa face à sucessão, contínua ou descontínua, sincopada ou fendida, de estados objetivos ou objetivados: um **antes**, um **durante** e um **depois**. Ora, estas categorias somente constituem um sistema, com a ajuda do qual a consciência se situa como simples observador passivo, face ao real objetivo, sem contudo se preocupar em penetrá-lo efetivamente e sem sequer ter condição de imprimir-lhe o selo de sua própria presença e de sua própria atividade, a qual consiste em reestruturá-lo para melhor dominá-lo.

Para tanto, a consciência desenvolve um sistema de categorias Kairicas, a saber as do **ainda-não** e do **nunca-mais**, que regem sua atividade de intervenção numa sucessão de estados objetiva, a fim de substituí-la por uma outra, proveitosa para a existência e que tenha a sua marca². Então, a intencionalidade da consciência escolhe um ponto, a um tempo mínimo e ótimo, no interior do vir-a-ser que a temporalidade manifesta, e o erige como ponto decisivo, antes do qual nada se cumpre e após o qual tudo se

(*) Comunicação apresentada no Congresso Internacional da Associação das Sociedades de Filosofia de Língua Francesa, em Dijon, 1988.

torna inexistente. Instalando-se aí, antecipadamente, como num presente provisório, a consciência o explora **por dentro**, a fim de facilitar o sucesso de sua própria atividade. Este esquema pode, bem entendido, ser igualmente invertido, para se aplicar a uma perspectiva dirigida ao passado, em direção à “busca do tempo perdido” e da qual o pensamento husserliano dá uma vaga idéia, quando se refere a um presente que a consciência é chamada a impedir de se desvanecer³.

Minimização e otimização do **Kairos** da ação concorrem para torná-lo não apenas significativo para a consciência, mas também decisivo para a própria existência que, através do Kairos da ação se integra na realidade objetiva que ele torna, graças à sua intervenção, uma realidade objetivada e, pois, reestruturada segundo sua própria intenção. Todo pensamento, inclusive o bergsonismo, o qual se situa numa perspectiva de busca de reestruturação do real em vista de sua melhor fruição, é suscetível de ser taxado de pragmatismo⁴. É, contudo, possível afirmar que, num plano pragmatista, a temporalidade não poderia ser isolada de uma certa espacialidade e **vice-versa**. Temporalidade e espacialidade concorrem para constituir o campo no qual a consciência opera, ao nível da realidade reestruturada.

Nesta ordem de idéias, admitiremos que os diversos sistemas de categorias espaciais estão submetidos⁵ pela consciência a uma reestruturação que reflete, ao seu modo, a que está impressa nas categorias da temporalidade. As categorias que correspondem às dimensões espaciais cessam, assim, de definir unicamente direções nas quais o espaço se desdobra de modo estático, para constituir verdadeiras linhas de força, segundo as quais sua importância para a existência desenvolve-se de modo dinâmico. No interior do campo de coexistência dos pontos que formam o espaço, segundo a concepção clássica leibniziana, a consciência estabelece de fato eixos privilegiados respondendo à sua intencionalidade e ao longo dos quais situa pontos privilegiados que prefiguram sua passagem. O espaço encontra-se assim, “animado”; mais precisamente, é posto a serviço da consciência. A Kairificação do espaço reestruturado se define segundo um sistema de categorias espacio-Kairicas, ao qual todos os outros sistemas de categorias espaciais são afinal, redutíveis, a saber: o sistema das categorias do **ainda-não-aí** e do **não-mais-em-parte-alguma**.

Em cada caso, a minimização do ponto espacial escolhido, combina-se com sua otimização, para ser erigido em ponto Kairico, de modo semelhante ao que se passa ao nível da reestruturação Kairica da temporalidade. A consciência aí se instala, para fazer dele um ponto de apoio na ordem de sua própria processão intencional, a qual tende, também aqui, à fruição de uma realidade que, doravante, é mais objetivada que objetiva. O conjunto da atividade da consciência acha-se, em virtude disto, orientada para a Kairificação de uma temporalidade, mas também de

uma espacialidade, as quais, sem a atualização a que estão submetidas, permaneceriam puras idealidades estáticas. Sua objetivação coloca-se, de início, como resultado de sua Kairificação através da intencionalidade da consciência, num universo maleável e suscetível de adquirir a estrutura que a consciência lhe impõe, para favorecer o progresso desta em direção ao seu florescimento, mediante sua própria fruição.

NOTAS

(1) Cf. E. MOUTSOPOULOS, *Categories Temporelles et Kairiques*, *Annuaire Scientifique de la Faculté de Philosophie, Université d'Athènes*, 1962, p. 412-430.

(2) Cf. IDEM, *Maturation et corruption. Quelques réflexions sur la notion de Kairos*, *Revue des Travaux de l'Académie des Sciences Morales et Politiques, et Comptes Rendus de ses Séances*, 131, 1978/1, pp. 1 – 20.

(3) Cf. IDEM, "Irréversibilité" du présent chez Husserl?, *Diotima*, 11, 1983, pp. 113-194.

(4) Cf. IDEM, Du "courant" au "flux" de la conscience: la bergsonisation du pragmatisme, *Athéna*, 72, 1968, pp. 109-120.

(5) Cf. IDEM, La conscience de l'espace, *Annales de la Faculté des Lettres et Sciences Humaines d'Aix*, 46, 1969, pp. 159-367, notamment pp. 139 et ss.

Tradução de Constança Marcondes César